

Título original: *10 Blind Dates*

Autora: *Ashley Elston*

Copyright © 2019 by Ashley Elston

Edição portuguesa publicada por acordo com Rights People, Londres

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2020

Tradução: *Marta Mendonça*

Revisão: *Florbela Barreto/Editorial Presença*

Design da capa: *Mary Claire Cruz e Jamie Alloy*

Fotografia da rapariga e balões: *Michael Frost*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo – Artes Gráficas, Lda.*

Depósito legal n.º 466 947/20

1.ª edição, Lisboa, março, 2020

Reservados todos os direitos

Para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

*Para o meu marido, Dean,  
que conheci num blind date no Dia de São Valentim em 1992*

*e*

*Para o meu irmão e primos direitos, Jordan, Steve, Todd, Matt,  
Beth, Gabe, Katie, Jeremy, Anna Marie, Sarabeth, Jessica,  
Rebecca, Mary Hannah, Emily, India, Katherine, Madeline,  
Haley, Amiss, Rimes e John.  
Obrigada por terem tornado a minha infância mágica.*

## SEXTA-FEIRA, 18 DE DEZEMBRO

— DE CERTEZA QUE NÃO VENS CONNOSCO?

A minha mãe surge à janela do lado do passageiro e abraça-me com força pela décima vez nos últimos dez minutos. O tom suplicante da sua voz está a surtir efeito. Estou à beira do meu primeiro período de liberdade e, no entanto, estou também a escassos segundos de ceder e saltar para o banco de trás. Retribuo o abraço, com mais força do que o habitual.

O meu pai inclina-se para a frente, o rosto banhado pela tênue luz azulada que provém do painel de instrumentos.

— Sophie, custa-nos imenso deixar-te aqui sozinha no Natal. Quem é que vai garantir que faço corretamente aquelas marcas de garfo nos biscoitos de manteiga de amendoim? Não sei se conseguirei safar-me sozinho.

Dou uma risada e enfio a cabeça na janela aberta.

— Sei eu — respondo-lhe. E sei. Esta coisa da despedida é difícil, mas de modo algum conseguiria aguentar a próxima semana e meia em casa da Margot a olhar para panças inchadas.

Os meus pais vão de carro para Breaux Bridge, uma pequena cidade no Sul do Luisiana a pouco menos de quatro horas de distância, para casa da minha irmã e do marido. A Margot está a seis semanas de ter o primeiro filho e sofre de pré-eclampsia sobreposta, seja lá o que isso for. Só sei que ficou com os pés inchados como nunca vi. E sei-o porque a Margot está tão

entediada por estar acamada que me enviou fotografias dos pés vistos de todos os ângulos possíveis e imaginários.

— E não é como se fosse ficar sozinha — continuei. — Tenho os avós e os restantes vinte e cinco elementos da família para me fazerem companhia.

O meu pai revira os olhos e murmura:

— Não percebo por que razão se juntam sempre todos na mesma casa.

A minha mãe espeta um dedo nas costelas dele. O tamanho da nossa família alargada não é para brincadeiras. A minha mãe tem sete irmãos e a maior parte tem vários filhos também. A casa dos meus avós está sempre apinhada de gente, mas por altura das épocas festivas transforma-se na estação Grand Central. As camas e os lugares à mesa são atribuídos com base nas idades, pelo que quando eu e os meus primos éramos mais novos passávamos sempre a véspera de Natal deitados em cima de um colchão no chão da salinha de estar, estilo sardinhas, e todas as refeições eram autênticos exercícios de equilíbrio entre o prato, o copo de plástico e o nosso colo.

— Tens a certeza de que não queres ficar com a Lisa? Será mais tranquilo em casa dela — sugere-me a minha mãe.

— Tenho. Fico bem em casa dos avós.

Seria *muito* mais tranquilo em casa da minha tia Lisa. É irmã gémea da minha mãe, três minutos mais velha do que ela, e por essa razão olha por mim como se fosse minha mãe. E não é isso que quero. Estou à procura de um pouco de liberdade. E de algum tempo sozinha com o Griffin. Essas coisas escasseiam quando moramos numa cidade pequena e o nosso pai é o comandante da Polícia.

— Está bem. Eu e o pai estaremos de volta no dia da festa de aniversário da avó, à tarde. Abriremos os presentes nessa

altura. — A minha mãe mexe-se no lugar do passageiro, claramente sem vontade nenhuma de partir. — Quer dizer, se os pais do Brad não estivessem já lá nós também não teríamos de ir. Mas sabes que a mãe dele está sempre a tentar reorganizar a cozinha da Margot e a mudar-lhe os móveis de um lado para o outro. Não a quero toda irritada, a pensar no que aquela mulher andar­á a fazer enquanto ela está enfiada na cama.

— E Deus nos livre que os pais *dele* cuidem da *tua* filha — brinco. A minha mãe é extremamente protetora dos filhos. Bastou a Margot comentar que os sogros iriam visitá-la para a minha mãe desatar a fazer as malas.

— Podíamos esperar e ir amanhã de manhã — sugere a minha mãe ao meu pai.

Ela ainda não acabou de falar e o meu pai já está a abanar a cabeça.

— É melhor irmos esta noite. Amanhã é o sábado imediatamente antes do Natal. As estradas vão estar um autêntico pesadelo. — Ele torna a inclinar-se para a frente, olhando-me nos olhos. — Vai buscar as tuas coisas e segue diretamente para casa dos teus avós. E liga-lhes a avisar que vais a caminho.

Típico do meu pai — a organização em pessoa. Esta é a primeira vez em muitos anos que o meu pai se ausentará da esquadra durante mais do que uns dias.

— Está bem. — Mais um abraço da minha mãe e depois sopro um beijo ao meu pai. Então eles partem.

O brilho dos faróis traseiros vermelhos do SUV dos meus pais desaparece rua abaixo e sou invadida por uma torrente de emoções — forte antecipação, mas também uma dor que se instala algures nas profundezas do meu estômago. Faço os possíveis para a ignorar. Não que não queira estar com eles — só de pensar em acordar na manhã de Natal sem os meus

pais deixa-me o estômago todo embrulhado —, mas não posso passar as férias enclausurada no apartamento minúsculo da Margot e do Brad.

De volta ao meu quarto, a primeira coisa que faço é ligar para a minha avó, para a avisar de que estarei lá dentro de umas horas. Ela está meio distraída; ouço os clientes na florista dela a falarem alto ao fundo, por isso imagino que só esteja a ouvir cerca de um terço do que digo.

— Conduz com cuidado, querida — adverte-me. Ao desligar ouço-a gritar os preços das poinsetias ao Randy, da estufa, e contengo um esgar.

São 18h00 e é uma curta viagem de Minden a Shreveport, onde os meus avós e o resto da família moram. A minha avó só deverá contar comigo por volta das 22h00.

Quatro maravilhosas horas sozinha.

Atiro-me para cima da cama e fito a ventoinha que gira lentamente no teto. Embora já tenha dezassete anos, os meus pais não gostam que fique em casa sozinha. E quando consigo que isso aconteça, por norma aparece cá um sem-fim de representantes — *só para ver como estão as coisas*. É completamente absurdo.

Apalpando as mantas à procura do telemóvel, ligo ao Griffin para lhe dizer que vou ficar por cá, mas após oito toques a chamada passa para o *voicemail*. Envio-lhe uma mensagem e fico à espera de ver os três pontinhos a mexerem-se. Não lhe disse que estava a tentar convencer os meus pais a deixarem-me ficar — não valia a pena ficarmos ambos desiludidos caso não fosse bem-sucedida.

Fito o ecrã vazio durante mais uns segundos, depois largo o telemóvel em cima da cama e passo para a secretária. Há uma catrefada de produtos de maquilhagem, lápis de cor e frascos de verniz, tudo espalhado. Praticamente todo o quadro de avisos

afixado na parede à minha frente exibe cartões brancos imaculados de cada universidade a que estou a pensar candidatar-me. Há uma lista codificada por cores dos prós (verde) e contras (vermelho) em cada cartão, além de todos os requisitos de candidatura para cada universidade. Alguns exibem um visto grande a verde, querendo essencialmente dizer que preencho todos os requisitos e que fui aceite, mas ainda estou à espera de resposta da maioria. Chamo a isto o meu Quadro de Inspiração, mas a minha mãe chama-lhe o meu Quadro de Obsessão.

Os meus olhos incidem no primeiro cartão que afixei no início do nono ano — Universidade do Estado do Luisiana. Dantes pensava que seria a única universidade a ser afixada no quadro, mas depois percebi que precisava de escolher com cuidado.

O meu telemóvel emite um som e baixo o olhar para a cama. É apenas a notificação de que alguém gostou da minha última publicação — não é o Griffin a responder à minha mensagem.

Olho para os cartões em branco empilhados em cima da minha secretária e, durante cerca de meio segundo, ponho a hipótese de fazer uma lista Griffin. Estamos juntos há mais de um ano e os estudos costumam ser o nosso foco principal, mas com as férias de duas semanas que tenho pela frente e sem exames ou trabalhos de casa com que me preocupar, a ideia de ficar aqui sozinha com ele é empolgante. Embora estejamos a levar as coisas com calma, estaria a mentir se dissesse que ainda não pensei dar o passo seguinte na nossa relação.

*Verde: Juntos há quase um ano  
Somos finalistas e temos quase dezoito anos*

*Vermelho: Ele ainda não me disse «amo-te»  
Não sei se estou pronta para dizer «amo-te»*

A minha mãe tinha um fanico se visse esta lista afixada, por isso resisto à tentação.

O meu telemóvel torna a soar. O meu coração dá um salto quando vejo o ícone de mensagem, mas quando confirmo vejo mais uma fotografia da Margot.

Abro a imagem e fito-a durante uns minutos. Alguém tem de lhe tirar o telemóvel das mãos.

**Eu:** ????? O que é isso???

**Margot:** Era um grande plano dos meus dedos dos pés. Não há espaço nenhum entre eles. Não consigo mexê-los nem separá-los. Parecem salsichinhas.

**Eu:** E se nunca mais voltarem ao normal? E se ficares com salsichinhas para sempre? E se nunca mais puderes usar chinelos por não conseguires enfiar aquela coisinha de plástico entre os dois primeiros dedos? Vais humilhar os teus filhos com esses pés.

**Margot:** Antes salsichinhas nos pés do que salsichinhas nas mãos. Talvez tenha de usar aqueles sapatos ortopédicos horrendos, como os que a tia Toby costumava usar.

**Eu:** Podias enfeitá-los. E talvez escrever o teu nome com tinta de relevo, dos lados. Seriam uns adoráveis sapatos de salsichinhas.

**Margot:** Agora fizeste-me ter vontade de comer salsichas.

**Eu:** És nojenta. E traumatizaste-me para todo o sempre. Jamais irei engravidar, com medo de salsichinhas e de sapatos ortopédicos enfeitados.

Ela demora uns minutos a responder.



**Margot:** A mãe acabou de me enviar uma mensagem a dizer que não vens!! Mas que raio, Soph??? A ideia era salvar-me da picardia entre a mãe e a Gwen. Sabes bem como elas são quando estão juntas!!

**Eu:** Estás por tua conta. Espero que briguem para ver qual delas poderá limpar a porcaria entre os teus dedos salsichinhas. Talvez tenham de utilizar fio dentário.

**Margot:** Agora nunca mais conseguirei apagar essa imagem da minha mente. Deus queira que tenhas dedos salsichinhas para o resto da vida!

**Eu:** Vou quando o bebé nascer.

**Margot:** Prometes??

**Eu:** Prometo.

**Margot:** Então e o Griffin, já chegou ou quê?

**Eu:** Não é da tua conta.

**Margot:** Dá-lhe! Não, espera... Não literalmente, é só uma expressão.

**Eu:** Ah, ah.

Espreito todas as redes sociais, fazendo tempo enquanto espero que o Griffin me ligue. O meu telemóvel toca por fim e o nome dele pisca no ecrã. Nem tento conter o sorriso que me surge no rosto.

— Então? — grita ele, por cima de música alta e ruído de fundo.

— Então? Onde estás? — pergunto-lhe.

— Na casa do Matt.

Já vi várias publicações de pessoas no jardim e na casa de piscina do Matt, incluindo a Addie, a minha melhor amiga desde o terceiro ano.

— Já vais a caminho da casa da Margot? — pergunta-me.

— Houve uma mudança de planos. Vou ficar em casa dos meus avós. Mas só tenho de lá estar daqui a umas horas.

— O quê? Estou a ouvir-te muito mal — diz-me ele, em voz alta.

— Mudança de planos! — grito. — Vou ficar cá.

Ouço a batida do baixo, mas não consigo perceber que música está a tocar.

— Nem acredito que o teu pai não te obrigou a ir — replica ele.

— Podes crer. Queres vir até cá? Ou também posso ir a casa do Matt.

Ele fica calado durante uns segundos e depois responde:

— Vem cá ter. Está cá toda a gente.

Sinto uma pontada de desilusão.

— Está bem, vemo-nos daqui a pouco — respondo e depois desligo.

\* \* \*

A multidão de gente em casa do Matt é maior do que eu esperava. Hoje foi o último dia de aulas antes das férias de Natal e parece que estão todos prontos para comemorar esse facto. Deve haver um milhão de luzes a enfeitar a casa dele, os arbustos e as árvores. A sério, há luzes por cima de tudo o que ficou parado demasiado tempo.

A maioria das pessoas veste *T-shirt* e calções e, não obstante todos os enfeites, é difícil entrarmos no espírito festivo. Não parecem férias de Natal quando andamos a matar mosquitos. Porcaria de tempo este, no Luisiana.

Estaciono o carro quatro casas mais abaixo, o lugar mais próximo que consigo encontrar. Mesmo a esta distância ouço a batida forte do baixo vinda do pátio do Matt. Não me admiraria nada

que os vizinhos chamassem a Polícia muito em breve. Felizmente, nessa altura já estaremos bem longe; seria complicado explicar porque estava aqui e não a caminho da casa dos meus avós quando um dos agentes ligasse inevitavelmente para o meu pai.

Quando chego a casa do Matt, vejo um casal sentado na relva perto do caminho de acesso. Parecem estar a discutir. Não é costume o drama começar tão cedo. Calam-se assim que repararam em mim, e acelero o passo, tentando devolver-lhes a privacidade. Seguindo o som da música, dirijo-me para o pátio das traseiras, em direção à casa da piscina. Quando estou prestes a contornar a casa, sinto puxarem-me o braço.

Então sou envolvida num abraço de partir costelas.

— Pensava que não vinhas! — exclama a Addie, tão alto que algumas pessoas olham na nossa direção.

— Acreditas que convenci os meus pais a irem sem mim?

— Não posso! Vais ficar em casa da tua avó? — Ela faz beicinho. — Mal te vou ver de qualquer maneira...

Rio-me.

— Vais, sim. Tenho um plano. A minha avó vai estar tão ocupada durante o dia que nem dará pela minha falta. Volto cá e podemos sair juntas.

— Os teus pais passam-se se descobrirem. Vamos ter de esconder o teu carro. — A Addie está aos saltinhos. — Ah! E traz a Olivia. Não a vejo há séculos.

Aceno com a cabeça, embora duvide que ela queira vir comigo. A Olivia é uma das minhas muitas primas e filha da irmã gêmea da minha mãe, a Lisa. Só temos dois meses de diferença e costumávamos ser muito próximas quando éramos mais novas, mas temo-nos visto cada vez menos nestes últimos anos.

— A Olivia está a ajudar a nossa avó na loja. Não sei se poderá ausentar-se.

Os olhos da Addie iluminam-se; então começa a arrastar-me para a casa da piscina.

— Vamos ter de arranjar uma maneira de a tirar de lá.

— Viste o Griffin? — pergunto-lhe, mudando de assunto.

— Ainda não, mas eu e o Danny acabámos de chegar. Talvez esteja lá dentro. — Ela faz sinal com a cabeça na direção da casa da piscina. — Queres uma cerveja?

— Não, daqui a pouco terei de conduzir até à casa da minha avó. Hei de encontrar uma garrafa de água algures — respondo-lhe, quando nos separamos. A Addie dirige-se para o barril escondido nos arbustos e eu avanço por entre a multidão. A música soa tão alto no interior da casa que as primeiras pessoas com quem falo não conseguem ouvir-me de todo.

Por fim, atravesso a divisão e encontro alguns amigos do Griffin.

— Sophie! Tudo bem? — grita o Chris, e depois tenta dar-me um abraço. Já está praticamente de camisa interior branca e *boxers*. Estico os braços para o manter a uma distância segura. O Chris é o tipo que fica sempre em cuecas nas festas. Na festa do Dia da Bruxas na escola apareceu vestido de *cowboy*, mas quando a noite acabou a única coisa que restava da sua fantasia eram as perneiras por cima dos *boxers*. Apanhou uma semana de suspensão por atentado ao pudor.

— Sim. Onde está o Griffin? — indago, e depois viro-me para perscrutar a sala.

O Chris acena com a mão algures para trás dele.

— Ali para trás. Foram à procura de uma cerveja.

Aceno afirmativamente e depois afasto-me. É difícil avançar por entre a multidão, mas por fim avisto o Griffin a virar para a pequena cozinha na parte de trás da casa da piscina. Demoro uns minutos a alcançá-lo, pois fico presa num círculo de dança e o

Josh Peters recusa-se a largar-me sem antes me rodopiar algumas vezes. Quando estou prestes a dobrar a esquina para entrar na cozinha, onde a música soa algo abafada, ouço o Griffin dizer:

— A Sophie vem aí.

Não são as palavras dele que me fazem parar. É a forma como as profere. Carregadas de desilusão.

Parker, um dos melhores amigos do Griffin, está a tirar duas cervejas do frigorífico. Nenhum deles dá pela minha presença na entrada da cozinha.

— Mas ela não ia para casa da irmã ou algo do género? — pergunta-lhe o Parker.

O Griffin fica cabisbaixo.

— Ia, mas já não vai.

Está mesmo aborrecido por eu ter ficado, como se lhe tivesse dado cabo das férias. Percebo-o na sua voz, essa sensação terrível — como quando estamos ansiosos por algo, como se estivéssemos a explodir de felicidade e de repente isso nos fosse roubado. Foi o que senti quando pensava que não iria ficar cá nas férias.

E é o que ele sente ao saber que vou ficar cá.

*O que estará a acontecer?*

O Griffin começa a virar-se para trás e esconde-me na esquina. Por que razão estou a esconder-me? Deveria entrar ali de rompante, exigindo respostas, mas estou paralisada. Conto até cinco e depois torno a espreitar a cozinha.

— Ela deve estar mesmo a chegar — diz ele, mas sem sair do lugar onde se encontra.

O Parker abre uma das cervejas e estende-a ao Griffin, que bebe um longo trago.

— Mas qual é o problema? — pergunta-lhe o Parker. É óbvio que também notou a desilusão dele.

O Griffin encolhe os ombros.

— Isto vai fazer-me parecer um parvo, mas até estava contente por ela não ficar cá, como uma experiência para ver como seria se acabássemos tudo.

O meu coração bate mais depressa.

— Mas queres acabar com ela? — pergunta-lhe o Parker, e depois bebe mais um trago da cerveja.

O Griffin torna a encolher os ombros. A minha vontade de gritar é quase avassaladora.

— Acho que sim.

Arquejo. O Parker e o Griffin viram-se para a porta. O Parker arregala os olhos. Olha para mim, depois para o Griffin e novamente para mim.

Decorre uma fração de segundo em que o Griffin tenta perceber se ouvi o que foi dito, mas a expressão no meu rosto é por de mais evidente.

Cambaleio para trás, embatendo na parede antes de sair a correr.

Tenho de sair daqui. Não sou capaz de olhar para ele. Não consigo estar aqui.

— Sophie! — O Griffin corre atrás de mim, mas desvio-me desta e daquela pessoa a caminho da porta. Tenho medo de não conseguir chegar lá fora antes de as lágrimas me começarem a cair. Então a Addie vê a minha cara e avança por entre as pessoas que estão a dançar, puxando-me para fora da casa da piscina.

— O que aconteceu? — questiona-me assim que alcançamos o outro lado da piscina.

Deixo-me cair no chão e conto-lhe tudo.

— Aquele atrasado — exclama a Addie. Então dá meia-volta, como se tencionasse ir atrás dele.

— Por favor, ajuda-me a sair daqui — suplico-lhe.

Ela aproxima-se.

— Claro. Vamos.

A Addie ajuda-me a levantar-me do chão e avançamos por entre o jardim da frente. As lágrimas correm-me pelas faces e não tento contê-las.

O meu coração está despedaçado.

Mais do que despedaçado.

Pulverizado.

*Ele quer acabar comigo.*

Não tenho palavras para lhe responder. Não sei se alguma vez terei.

Assim que alcançamos o caminho de acesso, avistamos o Griffin. Vem a descer o caminho a correr, perscrutando a rua.

— Não sou capaz de falar com ele agora — consigo balbuciar. A Addie assente e empurra-me para as sombras, e depois vai confrontá-lo.

— Nem penses — avisa-o a Addie. — Ela não quer falar contigo.

O rosto do Griffin está iluminado por um dos candeeiros pendurados no beiral da casa. Parece destroçado.

Culpa, sim, mas vislumbro também tristeza a nadar naqueles olhos.

— Por favor, Addie. Preciso de falar com ela. — Ele semi-cerra os olhos na direção da escuridão onde me encontro escondida. — Por favor, Sophie. Fala comigo. Deixa-me explicar-te. Foi sem querer.

Recuo, sem querer estar perto dele... sem querer ouvir as suas desculpas. Correndo por trás de uma fileira de arbustos de azáleas até ao jardim da frente, tropeço aqui e ali, na tentativa de criar o máximo de distância entre nós.

Espero que o Griffin não venha atrás de mim. Uma pequena parte de mim quer pegar no que ouvi e dar-lhe a volta até o

transformar em algo que não me destrua. Mas não consigo apagar a desilusão que percebi na voz dele. Por muito que ele diga, não queria ver-me. Não queria estar aqui comigo.

Quando chego finalmente ao meu carro, estou completamente de rastos. Passos ecoam no passeio atrás de mim e preparo-me para o que aí vem.

— Sophie, por favor, fala comigo — suplica-me o Griffin.

Estou virada de frente para o carro. Ele está mesmo atrás de mim e sei que a Addie está algures atrás dele.

A minha boca fica tensa.

— Estava tão entusiasmada por os meus pais me terem deixado ficar em casa porque só conseguia pensar no quão bom seria poder ficar contigo. Só nós dois. Estava ansiosa por isso. Mas tu querias uma pausa. De mim. Certo? Não era por isso que tanto ansiavas?

Ele pousa delicadamente a mão no meu ombro e diz-me:

— Vira-te e fala diretamente para mim.

Sacudo o ombro para o afastar.

— É isso que queres?

Sinto-o a esforçar-se para encontrar as palavras certas.

— Não sei o que quero, Sophie. Está tudo muito confuso neste momento. As coisas entre nós ficaram muito sérias. É o nosso último ano no secundário. Deveríamos estar a divertir-nos!

Viro-me para ele.

— Bem, então deixa-me facilitar-te as coisas. Queres uma pausa? Feito. Está tudo acabado entre nós.

Ele estende-me a mão, mas desvio-me. Parece enervado e não consigo evitar pensar que é pela maneira como as coisas estão a acontecer. Não teve direito à tal pequena experiência primeiro.

— Espera, Sophie. Podemos falar sobre isto? Eu amo-te. A sério.



As palavras dele atingem-me como um soco. Há meses que espero, e desejo, que as profira.

Não consigo fazer isto.

Não consigo continuar aqui.

— Por favor, fica e fala comigo — suplica-me o Griffin. Dou meia-volta e entro no carro.

O Griffin recua finalmente para o passeio assim que ligo o motor e a Addie aproxima-se da janela.

— Deixa-me ser eu a conduzir.

Esboço um leve sorriso.

— Eu estou bem. Ligo-te mais tarde, está bem? Gosto muito de ti.

Ela enfia a cabeça pela janela e dá-me um abraço rápido.

— Eu também gosto muito de ti.

Felizmente, o Griffin mantém-se à distância.

Em poucos minutos estou na I-20, a caminho de Shreveport.

\* \* \*

Quando por fim chego a casa da minha avó estou uma lástima. Examino o meu aspeto no espelho retrovisor e quase grito ao deparar com uma estranha de rímel escorrido. Tenho o nariz vermelho e os olhos inchados, e estou certa de que tenho ranho seco colado à camisola.

Felizmente, a maioria das luzes está apagada, pelo que há grandes hipóteses de não estar aqui ninguém à exceção dos meus avós. Nesta casa é frequente haver gente a dormir por toda a parte. Dos oito netos dos meus avós, seis moram aqui em Shreveport, quatro dos quais a poucos quarteirões desta casa. Embora isso significasse teoricamente que eles iriam para as respetivas casas, não é o que costuma acontecer. Mas esta noite a casa parece tranquila.

Estaciono o carro na rua e tiro a minha mala do banco de trás, mas chego aos degraus da entrada e vou-me abaixo. Não posso entrar neste estado. A minha avó irá ligar aos meus pais e eles ficarão chateados por eu não ter vindo diretamente para cá. Além de que também ficarão chateados por causa do Griffin. Adoram-no. Não obstante todas as regras loucas deles, já o tratam como se fizesse parte da família.

Servindo-me da mochila como almofada, deito-me nos degraus escuros e contemplo a lua cheia. Uma boa parte de mim apenas quer aninhar-se no colo da minha mãe e chorar.

Um ano. Foi esse o tempo que desperdicei com o Griffin. A porcaria de um ano.

O que me terá escapado? Ambos andávamos focados nos estudos. Ambos estávamos ansiosos para ir para a universidade e para conseguirmos entrar nas nossas preferidas. Estava convencida de que ambos estávamos satisfeitos com a nossa relação.

No entanto, pelos vistos, ele não se *diverte* comigo.

— Vais ficar aí a noite toda ou vais entrar e contar-me o que aconteceu?

Quase caio do degrau quando o rosto da minha avó surge por cima do meu.

— Avó! — Levanto-me de um salto e tropeço para os braços dela, quase fazendo-nos cair às duas.

Ela afaga-me as costas, para cima e para baixo. Recomeço a chorar.

— Pronto, entra lá e conta-me o que aconteceu.

Entramos, de mãos dadas, em direção à cozinha. A cozinha dela é o coração desta casa. Trata-se de uma divisão ampla com imensos armários e espaço de bancada. O frigorífico é daqueles enormes de inox coberto com fotografias e sei que se o abrir as prateleiras estarão a abarrotar com comida. Há uma fila de

bancos altos a todo o comprimento de uma ilha e uma enorme mesa de quinta feita de madeira que se estende diante de uma fileira de janelas com vista para a casa do vizinho. E há sempre uma jarra com flores frescas pousada no centro dessa mesa.

É a minha divisão favorita.

A minha avó conduz-me até um dos bancos altos, depois corta-me uma fatia de um bolo de chocolate que é uma autêntica perdição. Aqui nunca faltam coisas boas e esta noite não foge à regra.

— Não me parece que estejas a chorar por os teus pais se terem ido embora, portanto calculo que seja por causa de um rapaz. Como é que ele se chama?

— Griffin — balbucio.

— Pois, Griffin. Conta-me o que aconteceu.

Faço uma pausa antes de dar uma dentada na fatia de bolo. Sempre fui próxima da minha avó, mas nunca debatemos a minha vida amorosa.

Ela repara na minha hesitação e diz:

— Criei quatro filhas. Prometo-te que já tive a minha quota-parte de corações partidos sentados nesse mesmo banco.

Deixo escapar uma risada embaraçada. A minha avó orgulha-se da sua capacidade para consertar tudo o que está partido, no que diz respeito a esta família; nenhum problema é demasiado grande ou demasiado pequeno. É mais forte do que ela.

Serve-me um copo de leite e observo-a enquanto se mexe de um lado para o outro na cozinha. Fará setenta e cinco anos daqui a pouco mais de uma semana, mas ninguém diria, graças a um número inconsequente de cabelos grisalhos e um regime rigoroso de cremes para o rosto. E ainda tem força suficiente para carregar os enormes sacos de terra e de matéria orgânica no viveiro, embora o meu avô se zangue com ela.

Respiro fundo.

— Eu sei que te disse que estava em casa da Addie, mas na verdade fui a outro sítio. Uma amiga minha organizou uma festa. Eu queria ver o Griffin antes de vir para cá. Tencionava fazer-lhe uma surpresa, dizendo-lhe que ficaria cá durante as férias.

A minha avó arqueia as sobranceiras.

— Ui, ui. Isso raramente dá bom resultado.

Abafo uma risada.

— Não me digas...

A minha avó instala-se ao meu lado e dá uma valente dentada na sua fatia de bolo, enquanto lhe conto tudo. Quando termino, ela afaga-me as costas com movimentos circulares e encosto-me a ela.

— Querida Sophie, sei que isto agora parece o fim do mundo, mas não é. Mais vale saberes o que o Griffin sente agora do que perderes mais tempo com ele.

Ela estende-me um guardanapo e enxugo os olhos.

— Mas eu pensava que queríamos as mesmas coisas.

— As coisas estão sempre a mudar. Se calhar pensavas que estavam a caminhar na mesma direção quando, na verdade, não estavam.

Assim que termino o meu bolo, ela acompanha-me da cozinha ao quarto de hóspedes no piso de cima.

— Este quarto é todo teu até os teus pais regressarem. Amanhã poderás ajudar-me na loja. Mãos ocupadas, mente quieta. E a Olivia ficará contente por ter companhia. Ela anda amuada agora que toda a gente está de férias e ela tem de trabalhar.

Deixo a minha avó aconchegar-me as mantas e mimar-me como fazia quando eu era pequena. É ainda mais agradável do que me lembrava.

Ela dá-me um beijo na cabeça e diz:

— Amanhã tudo te parecerá menos mau.